



CINTERGEO

Congresso Internacional de Educação
e Geotecnologias

IV Congresso Internacional de Educação
e Geotecnologias

IX Encontro de Pesquisadores da Rádio

27 e 28 de Julho de 2023



CADÊ O TDAH QUE ESTAVA AQUI, MENINA? HISTÓRIA DE VIDA, NO ENTRELUGAR DA MEMÓRIA E DA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

José Antônio Carneiro Leão¹
Karla Santana dos Santos Souza²
Lauren Oliveira Lima³

Área Temática – Universidade pública: existência e resistência na contemporaneidade
Agência Financiadora: não contou com financiamento

RESUMO

O objetivo geral aponta para apresentar um estudo de caso, como história de vida de educadoras, inserida no meio acadêmico. Realizou-se uma escuta às mesmas, uma das educadoras teve diagnóstico tardio de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e TEA (Transtorno do Espectro Autista), mais de 30 anos de idade, e a outra, é mãe de um filho diagnosticado precocemente, com TDAH, e de uma filha com diagnóstico tardio, aos 22 anos de idade, que em ambos os contextos, podem estar invisíveis no âmbito da Universidade Pública. Especificamente, se buscou: identificar a relação da história e memória no processo educativo; destacar aspectos que venham a contribuir com dados que se aproximem do gênero feminino, para outros casos nessas condições. O estudo de caso trouxe a história de vida, como recurso para os dados levantados, em que se registraram depoimentos das educadoras, através de roda de conversa. Resultados confirmaram que as narrativas trazidas, é uma realidade de muitas mulheres, afetadas pela fragilidade de uma sociedade que não prioriza as questões de gênero. Mulheres que passam anos de suas vidas tentando se encaixar no molde que a sociedade criou, tornam-se adultas, muitas vezes sem consciência de que, sua sensação de “não fazer parte” resulta de serem pessoas atípicas. Considera-se que a exclusão subjetiva, decorrente do diagnóstico tardio, influencia na construção da identidade dessa mulher. Sugere ampliar esta discussão sobre a questão do diagnóstico tardio da mulher, quanto ao TDAH e outros transtornos, discutindo sobre as construções sociais deterministas sobre gênero.

Palavras-chave: TDAH e outros transtornos. História de vida. Entrelugar da memória.

Introdução

Compreender e respeitar a diversidade são indispensáveis para consolidar políticas, que possibilitem a participação de todos, nos espaços sociais e políticos. Sua relevância é percebida,

¹Professor Titular na graduação no Departamento de Ciências Humanas (DCH I), e da pós-graduação no Programa do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (GESTEC), ambos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); e-mail: jleao@uneb.br.

²UNEB; Mestranda do Programa de Pós-graduação GESTEC - UNEB; karla.valente@nova.ba.gov.br.

³UNEB; Mestranda do Programa de Pós-graduação GESTEC - UNEB; laurenoliveiralima@hotmail.com.

pelo empenho das diversas nações, em inserir a diversidade em suas legislações, inclusive, como contribuição para a inovação.

Nesse sentido, cita-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, um esforço no sentido da universalização do ensino para todos. Em 1994, a Declaração de Salamanca difunde: “as escolas regulares com orientação inclusiva, são o meio mais efetivo para combater as atitudes discriminatórias, criar comunidades abertas, construir uma sociedade integrada e se obter uma educação para todos”.

Este estudo apresenta a história de uma mãe, educadora, em que seu filho com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade)⁴ é excluído em um espaço escolar, em paralelo à dificuldade no diagnóstico do TDAH em sua filha. Ambos foram crianças no mesmo período, mas, apenas o filho foi diagnosticado com TDAH. Outro aspecto a considerar é sobre a condição de educadora mulher ser neurodivergente, diagnosticada com TDAH, Transtorno do espectro autista (TEA) e Altas Habilidades (superdotação), após os trinta anos de vida.

Temos como objetivo geral apresentar um estudo de caso, como história de vida, de duas mulheres atravessadas pelo diagnóstico de transtornos. Uma educadora diagnosticada com TDAH e TEA tardiamente, e outra que é mãe de um filho e uma filha com TDAH. Justifica-se devido ao baixo número de diagnósticos em pessoas biologicamente do sexo feminino, em especial sobre o diagnóstico obtido somente na vida adulta, com mulheres envolvidas em processos educativos. Questionamos: como ocorrem os diagnósticos em pessoas biologicamente do sexo feminino, quanto aos transtornos de TDAH e TEA?

A escuta às educadoras, que estão inseridas no universo acadêmico da Universidade Pública, marcando na contemporaneidade sua existência e resistência, foi a partir do registro de depoimentos delas, através de roda de conversa, aliado à pesquisa documental, tendo em vista os descritores: TDAH e outros transtornos; História de vida; Entrelugar da memória. Para o desenvolvimento deste estudo contamos com os seguintes tópicos, a seguir: 1) Percurso Metodológico; 2) Fundamentação teórica e um relato sobre *Masking*; 3) Resultados e Discussão, para então tecer nossas Considerações Finais.

⁴ Demonstrem: [...] atraso na maturação dos processos de contagem, com menor velocidade de processamento executivo, baixo resultado em controle inibitório, dificuldades dos processos atencionais seletivos e alternados, gerando sintomas secundários de prejuízos na linguagem, leitura e escrita, além de déficits em memória de trabalho e consciência fonológica (SOUZA ILS et al. Relações entre funções executivas e TDAH em crianças e adolescentes: uma Revisão sistemática. **Rev. Psicopedagogia**. 2021; 38(116): 197-213. p. 209).

Percurso metodológico

Pesquisa qualitativa, como “[...] um modo de proceder que permite colocar em relevo o sujeito do processo, não olhado de modo isolado, mas contextualizado social e culturalmente [...]” (BICUDO, 2012, p.17), com História de Vida, atravessada pelas questões dos transtornos, em sua intersecção com o gênero feminino. Trazendo “relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida” (CHIZZOTTI, 2014, p. 101).

Percurso enriquecido, por serem pesquisadores – Projeto Articulador RedePub, que discute História e Memória em rede de espaço público educativo, vinculado ao Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que aborda a tríade Sujeito, História e Lugar. Que ampliou percursos de vida pessoal – familiar e profissional – junto às implicações trazidas pelos transtornos, apresentando dados sobre a essência subjetiva, enquanto partes dessa pesquisa.

Fundamentação teórica e um relato sobre *masking*

O período de isolamento devido à pandemia de Covid-19, exacerbou comportamentos característicos, facilitando o rastreio do transtorno do espectro autista (TEA), nível 1 de suporte. Aspecto destacado por uma das autoras, que possui comportamentos como: hipersensibilidade sensorial com roupas, sapatos, odores, temperatura, irritabilidade extrema quando desregulada, identificação de repetição de padrões sociais, hipersensibilidade social, crises de ansiedade em situações de exposição, preferência pelos mesmos relacionamentos, interesses restritos, medo de começar ou conhecer algo novo, entre outros aspectos, que impulsionaram a busca de respostas sobre sua singularidade.

O *Masking*⁵, para as participantes da pesquisa, sempre foi um recurso inconsciente de sobrevivência. Comportamentos como: simpatia, cuidados excessivos com outras pessoas, fazer coisas que não queria para agradar, fingir prazer em atividades desgastantes ou difíceis de assimilação, magreza extrema para pertencer a um determinado padrão de “beleza”, uso diário de maquiagem, preocupação em não falar palavrões ou gargalhar em público, entre outros comportamentos, falseavam para o externo, as características atípicas.

⁵ *Masking* ou mascaramento: é uma espécie de falseamento das características do autismo, utilizados de forma consciente ou inconsciente por pessoas que convivem com o transtorno.

O Entrelugar da memória (BHABHA, 1988), das histórias de vida, que são trazidas, como experiências individuais são ampliadas, na perspectiva de reconstrução, de Halbwach (1990), em que ao abrigar na lembrança das educadoras, as emoções do que já foram vividas, no caso, as implicações de um diagnóstico tardio do TDAH e do TEA, é, ao mesmo tempo, coletivo, formada em um espaço/tempo, que é construído socialmente.

Ao compartilhar suas histórias de vida, quanto ao diagnóstico ser diferentes, do TDAH e outros transtornos, para pessoas do gênero masculino e feminino, as educadoras ampliam a discussão, ao trazê-lo para o espaço acadêmico da Universidade Pública, na perspectiva de os educadores encontrarem sua diferença, experimentando concretamente sua autonomia (GALEFFI, 1998).

Resultados e discussões

No cenário da escola, Freire (2006) convida a um olhar amoroso para esse espaço, de construção das aprendizagens. A escola, ao excluir estudantes neurodivergentes, interfere na formação da identidade desses sujeitos. Resultando, uma construção identitária de incertezas e inseguranças, em que, no presente, não se abandona o passado, em uma sensação de desorientação, de captar o antes e o agora. O que faz situar o sujeito em entrelugares (BHABHA, 1998). Um pensamento que precisa ser combatido também nas universidades.

Criticamente, traz-se a relevância do sujeito desenvolver personalidade própria, segundo sua diferença, experimentando concretamente sua autonomia, alicerce para a autonomia social, importa a qualidade das relações interpessoais (GALEFFI, 1998). Sobre o TDAH, a média de mulheres com o diagnóstico, é de uma para cada cinco homens (SILVA, 2009). Havia uma dúvida se, esse transtorno, acontece mais entre meninos. A ABDA - Associação Brasileira de Déficit de Atenção (2016) coloca que, em pesquisas recentes, essa proporção é de um para uma, apontando sobre um sub-diagnóstico em relação às meninas.

No final da década de 1970, se chega ao consenso sobre a representação do TEA, das seguintes características: déficit no desenvolvimento social, na linguagem e na comunicação, resistência a mudanças ou persistência nas mesmas coisas, estereotípias e outras excentricidades comportamentais e aparece nos primeiros anos de vida (VASCONCELLOS, 2022). Características comportamentais, também relatadas, no estudo intitulado: “Meninas e mulheres com transtorno do espectro do autismo: diagnósticos, reconhecimentos e vivências” (VASCONCELLOS, 2022), com pessoas do gênero feminino, com mais de 20 anos de idade.

Como resultado, se tem que a construção social de gênero, pautada no sexo biológico do sujeito, possui forte influência nos determinismos sociais entendidos como representações “femininas” ou “masculinas”, que contribuem para o mascaramento das características do espectro em meninas, partindo da premissa que falar baixo ou se calar, não ser agressivo (a), demonstrar fragilidade, são comportamentos “femininos” (BOURDIEU, 2020)⁶, dificultando o diagnóstico em pessoas do gênero feminino. Por outro lado, os mesmos comportamentos apresentados por pessoas do gênero masculino, não são entendidos como “normais” pelas estruturas sociais (VASCONCELLOS, 2022) resultando em um diagnóstico mais precoce.

Considerações finais

Tratar da inclusão pressupõe trazer o olhar para a exclusão, enxergar quem precisa ser incluída (o). Por mais que conheça, enquanto mãe, a realidade de um filhO com TDAH, traz-se uma filhA com diagnóstico tardio de TDAH, que não foi percebido, sequer desconfiado. E essa reflexão desvela nossa ignorância ao desconsiderar o lugar do gênero feminino nessa sociedade, que tolhe os movimentos, que encurta os passos, corrige e alinha posturas.

Consideram-se os avanços na área da educação inclusiva, em especial no campo teórico e das legislações, mas, para a construção de um sistema educacional inclusivo, é necessário considerar as questões de gênero.

Por fim, ficamos com a sugestão em ampliar a discussão, em outros estudos, sobre a questão do diagnóstico tardio da mulher, quanto ao TDAH e outros transtornos a partir de um olhar atento, sensível e “neutro” que compreenda e acolha as singularidades de cada pessoa, independentemente de possíveis construções sociais deterministas sobre gênero.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFICIT DE ATENÇÃO. **TDAH em meninas e mulheres**. 2016. Disponível em: <<http://tdah.org.br/tdah-em-mulheres/>>. Acesso em: 19 abr de 2023.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; MESQUITA, Ilka Miglio de; SANTOS, Laisa Dias. História oral: metodologia constitutiva de narrativas históricas. **Revista NUPEM**,

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A pesquisa em educação matemática: a prevalência da abordagem qualitativa. **R.B.E.C.T.** vol 5, num 2, mai-ago, 2012, p. 15-26. Disponível em:

⁶ Para Bourdieu (2020): A dominação masculina constitui as mulheres como objetos simbólicos. Elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis.

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/download/1185/840>, acesso em 04 jun, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kuhner. – 18ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

GALEFFI, Dante. Relações interpessoais – a construção dos sujeitos sociais autônomos e inventivos: estado questão. **Revista da FAEBA**. Salvador, n. 9, p. 193-209. UNEB, 1998.

SILVA, Ana Beatriz B. Mentis inquietas TDA-H: **desatenção, hiperatividade e impulsividade** / Ana Beatriz Barbosa Silva. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VASCONCELOS, Vitoria Chiari. **Meninas e mulheres com Transtorno do Espectro do Autismo**: diagnósticos, reconhecimentos e vivências. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de licenciatura em Educação Especial. 2022